
ACERVO REVELADO - Junho, 2016

O piano no cotidiano da casa brasileira¹

por **Wilton Guerra**

**Núcleo de Preservação, Pesquisa e Documentação
Museu da Casa Brasileira**



Piano Inglês
Início do séc. XIX
Compra: João Batista de
Campos Mello Filho
Origem: Inglaterra
Procedência: Rio de Janeiro

Foto: Romulo Fialdini (2001)

Os motivos que levam um museu a adquirir objetos para formar seus acervos, são diversos, passando pelo valor histórico, cultural ou científico; sua raridade; valor do material que o compõe, etc. Todos estes critérios e valores estão ligados, primeiramente aos objetivos e temática do museu e, depois, a potencialidade de informação desses objetos dentro da coleção, ou seja, sua expressão enquanto documento.²

¹ Este é o segundo artigo do projeto “Acervo Revelado” que tem como objetivo apresentar ao público pílulas de informação sobre peças do acervo do Museu da Casa Brasileira. É também intenção desta ação que o público possa contribuir, com informações sobre os objetos apresentados nestes artigos. Ver também: “A cômoda-papeleira e seus segredos” de Paula Coelho.

² De acordo com MENESES (1994, p.31), dentro dos museus os objetos além de produtos das relações sociais, são também “vetores” e documentos, elementos físicos que se explorados da forma correta proporcionam ao público informações. Não que estes objetos possuam em si uma “carga latente, definida, de informação”, eles são suportes, vias de acesso à informação, com interpretações e formas de abordagens quase que infinitas. A dimensão documental do objeto e seu nível de exploração serão determinados pelo método usado para explorá-lo.

O objeto adquirido traz consigo sua história, uma biografia, quer seja sobre sua confecção, seu uso ou mesmo, a quem pertenceu. Ao ser adquirido por um museu, essa biografia, não se encerra, ela irá ganhar novas páginas durante sua vida como objeto museológico. E essa história a ser escrita, inicia-se com o processo de incorporação do objeto ao acervo do museu. Muitas vezes, este processo é digno de nota, como é o caso deste Pianoforte adquirido pelo *Museu da Casa Brasileira* em 1974.

O Pianoforte ou “Piano Inglês” (como fora incorporado), de origem inglesa³, da marca William Stodart&Son⁴, em Mogno e Jacarandá, decorado com marchetaria e estriados, foi ofertado ao Museu pela primeira vez em novembro de 1970, de acordo com Relatório da Comissão de Acervo⁵ do então *Museu da Cultura Paulista – Mobiliário Artístico Histórico Brasileiro*⁶, colegiado formado por membros do Conselho Diretor da instituição para iniciar a formação do seu acervo.

Entre as dezenas de ofertas que a Comissão recebeu, optou-se por indicar apenas “[...] algumas peças, que, a seu critério, representa[vam] alto interesse por sua qualidade ou raridade, seja também pelo seu vínculo à cultura paulista e brasileira.”⁷ Além de um conjunto de móveis e uma batuta de supostamente havia pertencido a Carlos Gomes, estava “1 Piano Stodart, inglês, cerca de 1820”⁸, peça ofertada para compra pelo sr. João Batista de Campos Mello Filho, no valor de Cr\$ 15.000,00. O que mais chama a atenção no relatório é a menção de que o instrumento

³ Na documentação de entrada do objeto ele foi registrado sob o número 0290, com a denominação Pino Inglês tipo espineta.

⁴ A empresa foi fundada em 1775, por Robert Stodar, em 1792 seu filho William Stodart produzindo até 1838.

⁵ Esta Comissão de Avaliação foi formada inicialmente por Renata Crespi da Silva Prado, Eldino da Fonseca Brancante e Fernando Barjas Millan. A Comissão foi instituída em 20 de novembro de 1970, logo depois, em 3 de dezembro do mesmo ano passaram a integrar o grupo a conselheira Sylvia Sodrê Assumpção e o conselheiro Sergio Buarque de Hollanda. GUERRA, José Wilton Nascimento. O Projeto de Ernani Silva Bruno: uma discussão sobre as bases de criação, implantação e gestão do Museu da Casa Brasileira (1970-1979). [Dissertação de Mestrado]. Defendida Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 2015. p. 192.

⁶ O Museu da Casa Brasileira, foi criado em maio de 1970, com o nome de Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro, em novembro do mesmo ano, foi regulamentado sob uma nova denominação: Museu da Cultura Paulista – Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro. Somente em março de 1971, após proposta de Ernani Silva Bruno, teve seu nome alterado para a atual denominação.

⁷ ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata da reunião do Conselho Diretor do MCB. 26 nov. 1970. Folha 05. [grifo nosso]

⁸ Idem.

teria pertencido a D. Pedro I, e nele teria composto os acordes do Hino da Independência⁹ e, posteriormente, no qual seu filho D. Pedro II teria aprendido a tocar. Alguns conselheiros reticentes com a procedência do instrumento solicitaram ao vendedor a comprovação da origem histórica ou um “[...] parecer do Museu Imperial, ou do Museu Paulista, ou do Museu Histórico Nacional, ou, ainda de membro da Família Imperial”¹⁰.



Detalhe da marca do fabricante. Foto: Alisson Ricardo (Junho, 2016).

Não sendo adquirido nesta primeira oferta, o piano atribuído à família Imperial foi pauta de discussão em várias reuniões posteriores. Em setembro de 1972, o Pianoforte, foi apresentado novamente pelo seu proprietário, desta vez o conselheiro Eldino da Fonseca Brancante sugeriu que a proposta passasse pela seção de Museologia para emissão de um parecer prévio e só então o colegiado deveria decidir sobre a aquisição do instrumento. No entanto, nos meses subsequentes, não há menção sobre o parecer da museóloga da instituição, tão pouco sobre a peça.

⁹ Atribui-se a criação do Hino da Independência do Brasil, logo após o data de 7 de setembro de 1822. A música é de D. Pedro I e a letra do poeta e jornalista Evaristo da Veiga.

¹⁰ Ibidem.

Em março de 1974 o instrumento volta a ser oferecido ao Museu, agora acompanhado de uma bandeira do império e retratos da família imperial, diferentemente das outras ocasiões, desta vez os objetos foram encaminhados ao Museu. Durante a reunião o conselheiro Eldino Brancante argumenta que a peça agora caberia no acervo, pois com a mudança da denominação do Museu¹¹, não havia a necessidade do piano ser “histórico”, uma vez que não era mais um *Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro*, portanto, qualquer boa peça caberia para compor ambientes. Paulo Duarte, também conselheiro do Museu, destaca que seria “[...] melhor comprar um piano com um bom boato, que um piano qualquer.”¹² Em julho a aquisição do piano foi ratificada, passando a fazer parte do acervo do *Museu da Casa Brasileira*¹³.

Assim como mencionou Paulo Duarte e destacou o parecer¹⁴ da museóloga Maria Afonsina Furtado Rodrigues, não havia provas de que o Pianoforte pertencera à Família Real, o antigo proprietário nunca apresentou provas e o Museu também não conseguiu tal comprovação. Os únicos indícios que apontam para a procedência real do instrumento são: as duas insígnias em metal com a inscrição “P I” encimada pela Coroa Imperial, presentes nas extremidades frontais do piano; o período de confecção deste tipo de instrumento (entre 1795 e 1830), que corresponde

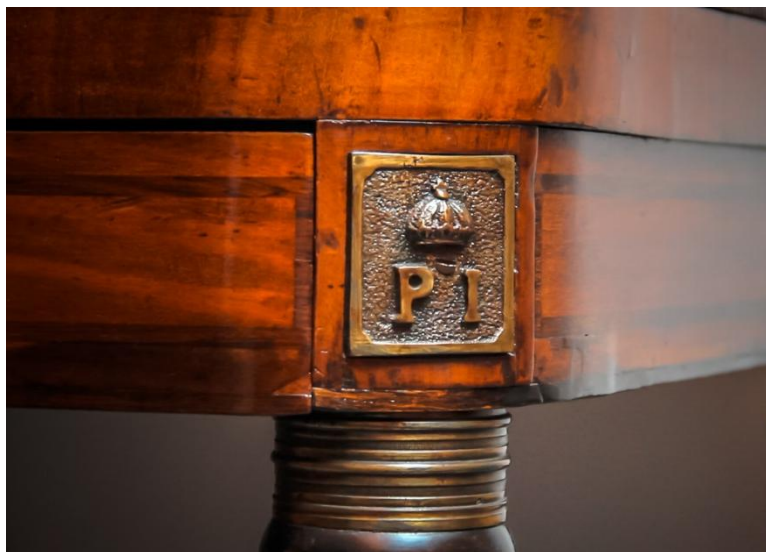
¹¹ Em março de 1971, o Museu havia alterado sua denominação para Museu da Casa Brasileira, conforme mencionamos em nota anterior.

¹² ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata da reunião do Conselho Diretor do MCB. 21 mar. 1974. Folha 87.

¹³ Após restauro na década de 1990, que possibilitou a recuperação de todo mecanismo do instrumento, o Pianoforte foi utilizado em um recital nas dependências do Museu da Casa Brasileira, março de 1998, com a presença da musicóloga Anna Maria Kieffer e a pianista Maria José Carrasqueira, em comemoração a abertura da nova exposição de longa duração do MCB e do bicentenário de nascimento de D. Pedro I. ACERVO FOLHA. MACHADO, Álvaro. Forte-piano de D. Pedro volta a tocar. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 mar. 1998. Ilustrada. p. 12. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acessado em 23 jun. 2016.

¹⁴ Destacamos aqui o parecer da museóloga Maria Afonsina Furtado Rodrigues, emitido para a aquisição do piano que somente em julho de 1974 foi apresentado: “Com relação ao piano, nem bem chamado assim chamada àquela época, por estar mais perto do cravo ou da espineta [...] esse instrumento, no feitiço de mesa foi realmente usado no Brasil, na época correspondente (1822) e deve ter sido numa peça como essa que o então Imperador, D. Pedro, tenha composto o hino da Independência. Nosso parecer, nesse caso seria favorável à aquisição do móvel, isentando dessas responsabilidades quanto ao fato do mesmo oferecer aspectos característicos [...] de ter pertencido a um membro da Família Real.” ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Processo de aquisição do Piano Inglês. [Arquivo digital] Processo nº 4516/84 . (Processo Antigo nº 1368/70). 22 jul. 1970.

à época do Príncipe Regente; além de ser o mesmo tipo de instrumento que foi confeccionado para Casa Real Inglesa. No mais são “boatos”!¹⁵



*Detalhe da Insignia “PI” encimada pelo Coroa Imperial, no do pé frontal direito.
Foto: Alisson Ricardo (Junho, 2016).*

Como argumentou o conselheiro Eldino Brancante ao dar voto favorável à aquisição do Pianoforte, este instrumento caberia perfeitamente dentro de uma instituição que tinha como objetivo a documentação da materialidade da casa brasileira. Afinal, não podemos falar da casa brasileira sem abrir espaço para o piano, “instrumento doméstico burguês”¹⁶ de grande importância social, que foi utilizado como símbolo de status, ferramenta educacional e de etiqueta (feminina) e instrumento de lazer nas salas e salões das residências das classes mais abastadas do país, a partir do primeiro quartel do século XIX.

De acordo com AMATO (2008, p. 168), a origem do pianismo no Brasil remonta-se ao início do século XIX, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808. As medidas comerciais adotadas por D. João VI, com destaque para a “abertura dos portos às nações amigas” (1808), e os Tratados de 181º, firmados com a

¹⁵ Ainda em 1974 fora oferecido ao Museu a compra de um outro piano, mas em virtude de ter adquirido recentemente o Pianoforte, tanto a direção como o Conselho, vetaram a compra. O MCB possui ainda um outro piano adquirido em 1981, por doação da sra. Maria Ana de Castro Prado, trata-se de um “Piano Americano”, da marca A. H. Gale & Co. (Nova York), da segunda metade do século XIX, todo em Jacarandá da Bahia e está registrado sob o número 0348.

¹⁶ WEBER apud AMATO, Rita de Cássia Fucci. Funções, representações e valorizações do piano no Brasil: um itinerário sócio-histórico. In Revista do Conservatório de Música da UFPel. Pelotas: nº1, 2008. p.167. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/view/2439>>. Acessado em 23 jun. 2016.

Inglaterra, facilitaram comércio de importação, sobretudo de produtos ingleses para o Brasil, possibilitando a chegada em grande escala dos pianos, difundindo seu estudo e, por consequência, sua presença na casa brasileira mais abastada, com maior ênfase a partir do segundo reinado.

Essa presença massiva do piano é diagnosticada por meio dos anúncios de jornais que circulavam no Rio de Janeiro, principalmente a partir de 1850, com destaque para o Jornal do Comércio, onde havia oferta de venda: de pianos “ingleses”, distribuídos pelo representante “H. VaguerFrion” (Honório VaguerFrion), situado na rua dos Ourives, 61; Pianos ingleses da marca “Hopkinson” (John Hopkinson) e franceses da marca “Érard” (SébastienÉrard), ambos vendidos na rua da Alfandega, 66. Além de diversos outros anúncios de aluguel desses instrumentos e aulas particulares de piano.¹⁷

O piano, “mercadoria-fetichismo dessa fase econômica e cultural”¹⁸ do Império, substituiu instrumentos como o violão, a flauta e a rabeca, presentes residências abastadas do Rio de Janeiro e aos poucos avançando para Pernambuco, Bahia e São Paulo. Mas, também sendo encontrado em outros recantos do país, como destacou o naturalista alemão Henry Walter Bates, em sua estada em Santarém (PA) no ano de 1851:

"A gente nova gostava muito de música, sendo os principais instrumentos a flauta, o violino, o violão e uma pequena viola de quatro cordas, chamada cavaquinho [...]. O violão era o instrumento favorito de ambos os sexos, como no Pará, mas o piano estava rapidamente tomando o seu lugar."¹⁹

O botânico Britânico George Gardner, durante sua estada na corte faz uma menção interessante sobre a presença e o avanço do uso dos pianos nas residências

¹⁷ ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL. Jornal do Comercio. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&Pesq=>>>. Acessado em: 23 jun. 2016.

¹⁸ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, F. e ALENCASTRO, L. F. (orgs.) Império: a Corte e a modernidade nacional. História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, v.2, 1997. p. 46.

¹⁹ BATES, Henry Walter. O Naturalista no Rio Amazonas (1850/1859). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19290/19458. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 23 jun. 2016.

cariocas, cerca de 15 anos após a passagem do naturalista Johann Spix e do botânico e antropólogo Carl Martius.

"Cultiva-se bastante música, e o piano, que só se encontrava nas mais ricas habitações ao tempo em que Spix e Martius visitaram o Rio, tornou-se agora quase universal [...]. A Guitarra, outrora instrumento predileto, ainda o é por todo o interior."²⁰

A música desde os tempos da colônia fez parte da vida da população, inicialmente nas ruas e igrejas com as festas, procissões e celebrações. E, com o passar dos tempos – e as transformações no sistema de iluminação –, as residências, tornaram-se ambientes de sociabilidade, onde tocava-se e ouvia-se música, nas confraternizações (batizados e casamentos), recepções sociais ou mesmo como passatempo cotidiano e instrução educacional, operando muitas vezes “como demonstração de civilidade e poder para os olhos e ouvidos externos”²¹.

Diversos viajantes que passaram pelo Brasil, relatam as recepções e sarais embalados a música dos pianos. Em 1821, a escritora Maria Graham em passagem pela casa de um cônsul inglês, em Salvador (BA), destaca:

"[...] tivemos medo de que os jovens ficassem desapontados com a dança, porque os rabequistas, depois de esperar algum tempo, foram-se embora, dizendo que não lhes tinham dado chá o bastante cedo. Mas algumas das senhoras se ofereceram para tocar piano e o baile durou até depois de meia noite."²²

O aventureiro médico alemão Robert Avé-Lallemant, em 1858, durante suas peregrinações por São Gabriel (RS), referindo-se aos costumes dos moradores locais, menciona que

²⁰ GARDNER, George. Viagem ao Interior do Brasil (1836/1841). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19270/ 19497. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 23 jun. 2016.

²¹ BUDASZ, Rogerio. Música e Sociedade no Brasil Colonial. in Textos do Brasil nº 12 - Música Erudita Brasileira. Ministério das Relações Exteriores. Departamento Cultural. p. 19. Disponível em <http://dc.itamaraty.gov.br/publicacoes/textos-do-brasil-12>>. Acessado em 23 jun. 2016.

²² GRAHAM, Maria. Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma Estada nesse País Durante Parte dos Anos de 1821, 1822, 1823. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 15141/ 19494. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 23 jun. 2016.

"Chamou-me a atenção ouvir piano em não sei quantos lugares. [...] conheceu um advogado francês, em cuja casa passei horas agradáveis [...] sua jovem senhora entretendo-nos tocando muito bem o piano [...]"²³

Por fim, destacamos uma passagem no mínimo "pitoresca", onde Charles Ribeyrolles, jornalista francês, exilado pelas forças de Napoleão III, vivendo no Rio de Janeiro desde 1958, relata que

"O piano faz barulho em todas as salas. Esse enfadonho pedalista, que não tem nem os grandes sopros, nem os cantos profundos do órgão, invadiu tudo, até os depósitos de bananas, e matou a conversação."²⁴

Como vimos, o piano aos poucos ganhou destaque entre os equipamentos da casa brasileira burguesa. Mas inicialmente as residências não estavam adaptadas a este instrumento. Segundo LEMOS, foi à vinda da corte, seguida do "dinheiro do café fluminense e do açúcar do baixo Paraíba" e, a posterior introdução da mão de obra imigrante, que impulsionou uma nova "arte de construir" e modificações na arquitetura domiciliar, acompanhando assim "as transformações do dia a dia familiar." (1993, p. 100). A classe abastada em contato com o gosto europeu tomou gosto pelo "morar à francesa" que pressupunha uma divisão das moradias em zonas (estar; receber; repousar e serviço) e sua consequente especialização, sobretudo na última década do século XIX.

O piano denotava status, sendo assim, dentro do programa das residências mereceu destaque. Poderia estar presente nas espaçosas salas de estar, local de recepção dos amigos e de acolhimento da família, que no findar do XIX, estavam repletos de móveis, objetos e ornamentação, buscando traduzir o gosto e o poder do seu morador. Ou, em outros casos, em um cômodo concebido especialmente para ele, como era a sala de piano ou sala de música, local destinado ao estudo e lazer familiar.

²³ AVÉLALLEMANT, Robert. Viagem pelo Sul do Brasil no Ano de 1858. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19512. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 23 jun. 2016.

²⁴ RIBEYROLLES, Charles. Brasil Pitoresco (1858/1860). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19515. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 23 jun. 2016.

As salas de piano estão presentes no programa de grande parte das residências da segunda metade do XIX, como exemplo podemos mencionar os palacetes, tipologia de residência característica da elite cafeeirapaulistana. Sendo os mais conhecidos o Palacete de D. Veridiana Prado, no bairro de Higienópolis, construído em 1884, que entre os diversos cômodos possuía um “[...] salão de visitas amarelo: piano C. Bechstein, pianola americana [...]”.²⁵ No bairro do Campos Elíseos, temos a Chácara do Carvalho, construída entre 1893-99, importante residência que pertencerá a Antônio da Silva Prado (o Conselheiro), um dos 6 filhos de Veridiana Prado, também possuía uma sala de piano no piso térreo.²⁶ Essas mesmas características podemos observar nas plantas da grandiosa residência de Elias Chaves, concluída em 1898, também situada no Campos Elíseos. O palacete apresenta em seu programa, uma sala de piano e, instrumentos em dois outros ambientes, a “[...] sala de visitas, vermelha, contava com um piano Henry Heertz [...] e a galeria, com móveis em veludo azul, entre os quais sobressaía um piano de cauda Steinway.”²⁷

Apenas ampliando um pouco o espectro de nossa discussão, mas sem perder de perspectiva do nosso objeto de reflexão, é pertinente mencionar que o local de destaque do piano dentro da residência transcende a questão do símbolo de status ou local de lazer social, este instrumento também funcionou como ferramenta de educação, sobretudo para o gênero feminino.²⁸

Até meados do século XIX, era comum entre as famílias de elite a contratação de preceptores para educar seus filhos em casa. Nos periódicos da época tanto é possível localizar anúncios de famílias contratando preceptores, assim

²⁵HOMEM, Maria Cecília Naclério. O Palacete Paulistano – e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010. p. 103

²⁶ Idem. p. 149.

²⁷ Ibidem. p. 165.

²⁸ Para JUNQUEIRA SCHETTINO, que faz uma análise interessante sobre a figura feminina como agente transformadora do espaço doméstico, uma vez que sociedade burguesa do XIX consolidou a construção histórica e cultural da relação da mulher com a casa, nada mais “natural” do que pensar que determinados espaços do programa habitacional fossem pensados para o “conforto”, lazer e a realização dos afazeres femininos, portanto, entre eles podemos destacar as salas de música ou de piano (2015, p. 3). Na mesma perspectiva do estudo do gênero, mas com olhar voltado para a materialidade da casa brasileira, CARVALHO (2008), faz uma profunda análise das relações de gênero a partir da disposição dos ambientes residenciais, trazendo a luz os limites invisíveis construídos pela sociedade burguesa que delimitam os ambientes de uso masculino e feminino.

comoeducadores oferecendo sua mão de obra para as família endinheiradas. Dava-se preferencia pela contratação de estrangeiros – provavelmente por vir de países tidos como civilizados –, do sexo feminino e de preferência solteira, devido à exigência de pernoitar nas residências. O conteúdo a ser ensinado era pautado pelos pais, mas entre as disciplinas mais comuns estavam à alfabetização (escrita e leitura), português, latim, matemática, as línguas estrangeiras: francês, inglês, alemão, italiano; religião; além de música e piano, entre outras.

As preceptoras alemãs eram as preferidas, devido o rigor no trato com os jovens pupilos. Talvez a mais conhecida tenha sido Ina von Binzer (InaSofie Amalie von Bentivegni), que veio para o Brasil em 1881. Entre outras famílias, trabalhou para o fazendeiro de café, Martinico da Silva Prado, contribuindo para a educação dos seus 8 filhos. Nas dezenas de cartas²⁹ que Ina trocou com sua amiga Grete, ela relata entre outras coisas, as condições sob as quais lecionava piano nas casas por onde passou.

A respeito da sua longa rotina diária na residência de um fazendeiro carioca, onde lecionara para os sete dos doze filhos, menciona que as aulas de piano começavam as seis e meia da manhã, mas seus alunos não eram pontuais, as crianças “[...] começam a aparecer de meia em meia hora, até às dez horas, como se fossem expelidas por um relógio automático”³⁰ Após uma pausa para refeição “[...] à uma e meia começam as aulas de piano que vão até as cinco [...]”³¹.

Em outra passagem nesta mesma residência, comenta sobre as dificuldades de lecionar piano com tanto barulho:

“[...] a casa inteira é barulhenta [...]. Costumo dar aula de piano no chamado quarto de trabalho de D. Alfonsina, porque as crianças não estudam no piano de cauda da sala de visitas, mas num veterano piano armário. A dita sala de trabalho fica no centro da casa e diversos cômodos comunicam com ela [...]. Por aí, poderá calcular o barulho que se ouve nesse agradável recinto [...] Enquanto junto ao piano desafinado eu

²⁹ As cartas foram compiladas e publicas em alemão no final da década de 80 do século XIX e, traduzidas para o português em 1956, sob o título “Os meus romanos – alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil”.

³⁰ Binzer, Ina von. Os Meus Romanos: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 6ª ed. 1994. p 80.

³¹ Idem p. 31.

resignadamente contava o meu *un, deux, trois* – e Leonila, perseverante, cometia os mesmos erros –, sob a ruidosa direção de D. Alfonsina erigia-se, à volta de nós, uma barricada de caixões, barris, sacos etc. O barulho que isso provocava, as ordens gritadas e as ocasionais censuras da patroa por si só já eram estonteantes!”³²

A jovem preceptora aparentemente também não tinha dias fáceis com os filhos dos Prado:

“Meus discípulos romanos são realmente muito mal-educados e preciso recorrer a variados recursos pedagógicos para tratar com eles. Não posso de modo algum deixar os dois menores sozinhos, embaixo, trabalhando na sala de estudos, enquanto em cima dou lição de piano a Lavínia.”³³ (p. 108)

Referências

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL. Jornal do Commercio. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&Pesq=>>>. Acessado em: 23 jun. 2016.

ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata da reunião do Conselho Diretor do MCB. 26 nov. 1970.

ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata da reunião do Conselho Diretor do MCB. 21 mar. 1974.

ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Processo de aquisição do Piano Inglês. [Arquivo digital] Processo nº 4516/84 . (Processo Antigo nº 1368/70). 22jul. 1970.

ACERVO FOLHA. MACHADO, Álvaro. Forte-piano de D. Pedro volta a tocar. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 mar. 1998. Ilustrada. p. 12. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>>. Acessado em 23 jun. 2016.

ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>>. Acessado em: 23 jun. 2016.

³² Ibidem. p. 56.

³³ Idem. p. 108.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, F. e ALENCASTRO, L. F. (orgs.) Império: a Corte e a modernidade nacional. História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, v.2, 1997.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. Funções, representações e valorações do piano no Brasil: um itinerário sócio-histórico. In Revista do Conservatório de Música da UFPel. Pelotas: n^o1, 2008. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/view/2439>>. Acessado em 23 jun. 2016.

BINZER, Ina von. Os Meus Romanos: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 6^a ed. 1994.

BUDASZ, Rogerio. Musica e Sociedade no Brasil Colonial. in Textos do Brasil n^o 12 - Música Erudita Brasileira. Ministério das Relações Exteriores. Departamento Cultural. p. 19 Disponível em <http://dc.itamaraty.gov.br/publicacoes/textos-do-brasil-12>>. Acessado em 23 jun. 2016.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2008.

GUERRA, José Wilton Nascimento. O Projeto de Ernani Silva Bruno: uma discussão sobre as bases de criação, implantação e gestão do Museu da Casa Brasileira (1970-1979). [Dissertação de Mestrado]. Defendida Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 2015.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. O Palacete Paulistano – e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

JUNQUEIRA SCHETTINO, Patrícia Thomé. A relação entre a figura feminina e o espaço residencial através da análise de projetos arquitetônicos dos palacetes ecléticos cariocas. Belo Horizonte: 4^o Seminário Ibero Americano de Arquitetura e Documentação. 2015. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/arqdoc2015/artigos/pdf/58.pdf>>. Acessado em 23 jun. 2016.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. [S.l.], v. 1, n. 1, jan. 1993. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5277>>. Acesso em: 23 jun. 2016.



MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In. Anais do Museu Paulista, vol.2, nº.1. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2016.